

CRÍTICA FEMININA

Laysla Ribeiro da Silva¹
Layssa Gabriela Almeida e Silva²
Débora Cristina Santos e Silva³

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar as principais características e os principais representantes da crítica feminina, além de mostrar o real papel da mulher na literatura atual. Os críticos feministas pretendem descobrir e divulgar uma tradição de escrita feminina, bem como reavaliar a imagem da mulher na literatura e valorizar as vivências femininas do ponto de vista individual e coletivo. A diferenciação entre sexo e gênero é fundamental para a crítica feminista. Deste modo, o gênero não é entendido como identidade primordial absoluta, mas como um dado culturalmente adquirido, que acompanha as mudanças da própria cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica feminina. Escrita feminina.

Introdução

A crítica feminista basicamente consiste na argumentação de que a grande maioria dos textos da cultura ocidental foram escritos por homens e apresentam uma visão enviesada do mundo a partir de um ponto de vista masculino. Além disso, tais textos célebres normalmente apresentam a *mulher-como-objeto* ou a *mulher-como-o-outro*.

Magda Shirley (1996) afirma que a mulher sempre foi pensada a partir de parâmetros masculinos; uma vez que ela é marcada falicamente pelas figuras do pai e do marido.

Magda Shirley (1996, p. 22) acredita que “a mulher, ao conduzir a voz masculina do narrador ou sujeito-da-enunciação, deseja certamente mostrar sua capacidade de estruturar um discurso no masculino-feminino sem deixar sobressair as marcas genéticas/castradoras cravadas em sua origem como ser falante”.

A presença da voz masculina pode indicar o lugar do pai e representaria o momento da identificação com o chefe totalitário da infância.

Este processo é de certo modo especulativo uma vez que o eu-que-escreve é um eu que experimenta falar diferente, de modo particularizado, com voz que se caracterize como voz de mulher.

¹ Estudante do 4º Ano de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás.

² Estudante do 4º Ano de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás.

³ Professora Doutora da disciplina Correntes da Crítica, na Universidade Estadual de Goiás.

Revisão de literatura

Segundo Lúcia Castelo Branco, “a escrita feminina nem sempre é a escrita da mulher, mas está sempre relacionada a ela, seja pelo grande número de mulheres que escrevem nessa dicção ou ainda pela “mulheridade” que está implicada na escrita feminina, mesmo quando ela é praticada por homens”. (BRANCO, 1991, p.20).

A escrita feminina surge como “uma resposta consciente às realidades socioculturais”, ela partiu-se do reconhecimento da existência *diferenciada* de um eu feminino perante um eu masculino. Ina Schabert (1995) afirma que o esquema conceitual de que o homem correspondia ao sujeito e a mulher ao objeto da escrita mutilou a atividade literária das autoras, tornando masculina a história da literatura, discriminando, pois, a escrita das mulheres. A idéia de uma escrita feminina levanta determinadas questões sobre o próprio conceito de feminino.

São características da escrita feminina: os gestos de morte, de loucura e a construção de textos em torno de minúcias, de banalidades, de desvios e de multiplicações dos sentidos minúsculos.

Para Lúcia Castello Branco (1991), a escrita feminina é a escrita do gozo, da respiração simultaneamente lenta e acelerada, da fantasia exacerbada, do mergulho no inconsciente, dos segredos e das confissões, da loucura. É a escrita dionisíaca e noturna, que está sempre se chocando com o apolíneo e ensolarado racionalismo masculino.

Uma questão importante na crítica feminista está relacionada à questão do essencialismo. Sobre esse aspecto Hélène Cixous argumenta que a linguagem é uma tradução e que ela fala através do nosso corpo (STRASBOURG, 2009).

A distinção entre os termos *feminista* (posição política), *fêmea* (questão biológica) e *feminino* (conjunto culturalmente pré-definido de características), são alguns dos temas discutidos entre os círculos feministas.

Os principais representantes da crítica feminina são: Virgínia Woolf, Julia Kristeva, Hélène Cixous, Lya Luft e Lúcia Castello Branco.

Segundo Níncia Teixeira (2002), “Lya Luft desvenda através de seus escritos o submundo em que vive a mulher. Sua literatura extremamente intimista percorre o caminho desenhado por Clarice Lispector, mas com uma nota absolutamente pessoal. A questão feminina é tratada sob o ponto de vista feminino, configurando, dessa forma, a *écriture féminine*”.

Teixeira (2002) acredita que o conceito da *écriture féminine*, “estabelece a diferença feminina na língua e no texto, possibilitando uma maneira de se discutir os escritos femininos que reafirmam o valor do feminino e identificam o projeto teórico da crítica feminista como a análise da diferença”. Tecnicamente, não se poderia falar em literatura "feminista" antes que o termo fosse cunhado, na década de 1960.

Hélène Cixous (*apud* OLIVEIRA) afirma que a *écriture féminine* “é aquela que excede ao discurso falocêntrico, cuja rigidez impede o livre jogo dos significantes”. Diretamente vinculado à economia libidinal feminina, o conceito introduzido pela autora é concebido como um esforço de afirmação da *différance*, em sentido derridiano, ou seja, trata-se de um jogo infundável dos significantes em que as oposições binárias ossificadas pelo pensamento patriarcal se abrem para a impossibilidade de fixação do sentido.

Conclusão

Analisando o papel da mulher na sociedade literária atual, percebemos que o discurso feminino procura extirpar as raízes do discurso falocrático, regido pela ordem patriarcal, a fim de possibilitar o surgimento de uma outra fala: a feminina.

Além do mais, pudemos perceber que a escrita feminina é uma espécie de “mecanismo” pelo qual a mulher explicita o seu desejo de sujeito que escreve sob impactos pulsionais.

O discurso feminino representa, assim, um texto singular que comanda uma situação do sujeito-mulher em relação à castração e cujos elementos determinantes se ligam ao falo. Como diz Lacan (*apud* ENGELMANN, 1996, p. 21) o falo corresponde a uma “falta na subjetividade (corpo, pênis, dinheiro) e marca a forma de organização, imaginária ou simbólica, que regula a estrutura do sujeito”.

Cabe reforçar que da mesma maneira que a literatura policial não é a literatura escrita apenas pelos policiais, a literatura feminina não precisa necessariamente ser a literatura escrita apenas pelas mulheres. É certo que há policiais escrevendo literatura policial, mas também há professores, psicanalistas, filósofos... O mesmo acontece com a literatura feminina: há homens e mulheres trabalhando dentro dos limites desse gênero.

Referências Bibliográficas

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CIXOUS, Hélène. La risa de la medusa: ensayos sobre la escritura. Barcelona: Anthropos : Madrid : Comunidad de Madrid : San Juan : Universidad de Puerto Rico, 1995. IN: OLIVIERA, Marcos de Jesus. *Écriture Féminine: Um olhar a partir da estética da existência*. Disponível em: [<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art17.html>]. Acesso em: 14/08/2009.

ENGELMANN, Magda Shirley C. *O jogo elocucional feminino*. Goiânia: Editora UFG, 1996.

STRASBOURG, Francisco Prosdócimi . *Hélène Cixous e a crítica literária feminista*. Disponível em: <<http://pensamentosfugazes.blogspot.com/2009/03/helene-cixous-e-critica-literaria.html>>. Acesso em: 25 maio 2009.

SCHABERT, Ina. Genus zur Geschlechterdifferenze in den Kulturwissenschaften (1995) *IN*: MACHADO, Patrícia. *A escrita feminina*. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/escrita_feminina.htm>. Acesso em: 28/06/09.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *A escritura feminina: Lya Luft e o sujeito no espaço literário*. Revista Mulheres, ano 6, vol 1, 2002. Disponível em: [http://www.litcult.net/revistamulheres_vol6.php?id=556]. Acesso em: 14/08/2009.